



**CONFLITOS E ALIANÇAS NA CONSTRUÇÃO DE REFERÊNCIAS NA
CAFEICULTURA ORGÂNICA DO SUL DE MINAS GERAIS**

**CONFLICTS AND ALLIANCES IN THE CONSTRUCTION OF REFERENCES IN
ORGANIC COFFEE PRODUCTION IN SOUTH OF MINAS GERAIS**

Flávia Luciana Naves Mafra*

Doutora em Ciências Sociais/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Professora da Universidade Federal de Lavras
E-mail: flanaves@dae.ufla.br
Lavras, Minas Gerais, Brasil

Mônica Carvalho Alves Cappelle

Doutora em Administração/Universidade Federal de Minas Gerais
Professora da Universidade Federal de Lavras
E-mail: edmo@dae.ufla.br
Lavras, Minas Gerais, Brasil

Thálita de Resende Cardoso

Mestra em Ecologia Aplicada/Universidade Federal de Lavras
Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais
E-mail: thalitarc Cardoso@yahoo.com.br
Lavras, Minas Gerais, Brasil

*Endereço: Flávia Luciana Naves Mafra

Universidade Federal de Lavras, Departamento de Administração e Economia. Caixa Postal 37 - Lavras, CEP:
37.200-000, Lavras, MG - Brasil

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho

Artigo recebido em 15/02/2013. Última versão recebida em 10/03/2013. Aprovado em 11/03/2013.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Apoio e financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG

RESUMO

Como produtores rurais se tornaram referências no campo da cafeicultura orgânica no sul de Minas Gerais? Esta questão guiou a investigação realizada na região sul de Minas Gerais, Brasil, conhecida pela atividade cafeeira, na qual, fazendeiros tradicionalmente vinculados a agricultura convencional e agricultores familiares organizados se dedicam à cafeicultura orgânica. Utilizando metodologia qualitativa, foram realizadas 18 entrevistas semi-estruturadas com atores diretamente envolvidos com a cafeicultura orgânica na região, no período de fevereiro a agosto de 2008. Interpretados por meio de análise de conteúdo, os dados apontam para a existência de características distintas (tais como trajetórias, aporte de recursos e relações sociais), entre aqueles que são considerados como referências na cafeicultura orgânica na região. Tais diferenças refletem estruturas e relações sociais anteriores à adesão desses produtores à cafeicultura orgânica e que são definidoras do campo da cafeicultura orgânica. Ser reconhecido como referência implica ganhos de poder para esses atores que, mesmo com trajetórias diferentes, se aproximam no campo da cafeicultura orgânica, desenvolvendo alianças inusitadas.

Palavras-chave: referência; cafeicultura orgânica; alianças; poder.

ABSTRACT

How farmers have become references on the field of organic coffee production in South of Minas Gerais? This question has guided research in region South of Minas Gerais, Brasil, which is recognized for its important coffee production. In that region, farmers who traditionally practiced conventional agriculture as well as organized family farmers have dedicated to organic growth. Using qualitative methodology 18 semi-structured interviews were conducted with actors involved in organic coffee production in South of Minas Gerais, from February to August 2008. The data collected were interpreted through analysis of content and indicate the existence of different characteristics among producers considered as a reference in organic coffee growth in that region. Such differences reflect structures and social relations previous to the producers's adhering to organic production, and these characteristics are important for defining the organic production field. To be recognized as a reference in this field implies power gain for these actors. Despite their different trajectories, those producers approached one another in this social space and developed unusual alliances.

Key-words: references; organic coffee production; alliances; power.

INTRODUÇÃO

As relações sociais no campo sempre foram marcadas por conflitos que produziram mudanças inclusive para além das dimensões tradicionais sob as quais se definia o espaço rural. Nesse contexto, merece destaque a Revolução Verde, como processo que ocasionou profunda e violenta mudança, que atingiu as formas de produção e também de organização no espaço rural.

Os limites das práticas produtivas e organizativas disseminadas com o processo de modernização da agricultura, evidenciadas ao longo das últimas décadas, as crescentes evidências sobre riscos ambientais e o destaque dos discursos em defesa do meio ambiente, proclamados por vozes diversas, contribuíram para a experimentação de novas formas de produção que, por sua vez, implicam novas relações sociais no campo.

A agricultura orgânica, em especial – que, segundo Almeida (1999), virou uma espécie de grife, ganhou popularidade, consolidou nichos específicos de mercado, atraiu, para além do perfil contestador da agricultura moderna que inicialmente buscou a construção de agriculturas alternativas, também outras categorias de produtores rurais. Além disso, a agricultura orgânica tem sido lembrada, tanto por técnicos como por produtores rurais, como uma das formas de incorporação da questão ambiental no meio rural, especialmente na cafeicultura sul mineira, construindo nesse processo, com a consolidação de experiências de produção de café orgânico por organizações de agricultores familiares de pequeno porte e também pela inserção de cafeicultores tradicionais de grande porte, a imagem do que os próprios produtores e técnicos definem como região da “cafeicultura ecológica”.

Nesse contexto, pergunta-se: como se constroem os atores considerados como referências no campo da cafeicultura orgânica no sul de Minas Gerais? Assim, com este artigo objetivou-se compreender mudanças nas relações sociais produzidas a partir da conversão de tradicionais fazendas de café do sul de Minas Gerais em referências na cafeicultura orgânica ao longo das últimas duas décadas. Pretendeu-se, mais especificamente, verificar como se deu essa transição; como é a dinâmica das relações entre os diferentes atores que habitam e disputam esse campo; e como um ator se torna referência num espaço social como esse.

O artigo está estruturado com essa introdução, seguida do referencial teórico que trata das dinâmicas da cafeicultura, especialmente a passagem do paradigma convencional para o paradigma orgânico. Aborda ainda o papel dos atores e relações sociais nesse campo. A seguir, apresenta-se a metodologia, seguida dos resultados da pesquisa e das considerações do trabalho.

DINÂMICAS DA CAFEICULTURA E DA CAFEICULTURA ORGÂNICA NUM CENÁRIO EM MUDANÇA

A cultura do café ocupou e ocupa na economia do Brasil um espaço de destaque. Aguiar (1997, p. 32) destaca o caráter itinerante, pioneiro, desbravador da atividade cafeeira e a grande mobilização, o montante dos investimentos e o desenvolvimento das regiões por onde se instalava a cultura do café. A autora sintetiza o processo de introdução e disseminação da cultura cafeeira no Brasil:

Em 1727, o café foi introduzido no Brasil, pela Guiana Francesa, por Francisco de Mello Palheta numa missão oficial a pedido do então Governador do Maranhão e Grão Pará: João da Maia da Gama. No ano seguinte irradiou para o Maranhão, tendo atingido a Bahia em 1770. Em 1773 foi levado para o Rio de Janeiro de onde expandiu-se para a Serra do Mar, atingindo em 1825 o Vale do Paraíba, tendo alcançado daí os Estados de São Paulo e Minas Gerais.

Na base da introdução e sustentação dessa monocultura em diferentes locais está a utilização de práticas ambientalmente predatórias e de trabalho escravo e sempre vinculada a atores com grande poder, seja no cenário local, regional ou nacional.

Embora o café seja uma referência para o sul de Minas Gerais, a expansão da cafeicultura nessa região data da década de 70. Na década de 80, o sul de Minas passou a ocupar o primeiro lugar entre as regiões produtoras, posto que logo teria que disputar com outras regiões do Estado, principalmente o Cerrado Mineiro.

Ainda hoje, com os avanços e dificuldades (principalmente em função das variações do mercado internacional) que a cafeicultura tem enfrentado ao longo do tempo, é grande a sua importância na definição das relações sociais, na configuração do espaço (rural e urbano) e na construção de representações da realidade para os atores que estão vinculados direta ou indiretamente ao setor.

Na atividade cafeeira convivem e se confundem elementos, formas de trabalho e relações sociais de caráter tradicional e inovadoras (pela introdução de novas tecnologias, formas de cultivo e relações de trabalho). Observa-se que o diálogo e a convivência entre essas duas faces demandam rupturas e rearranjos do ponto de vista social e político para a continuidade das atividades e a consolidação de posições de determinados atores sociais no campo.

Em meio a tais processos, uma das mudanças pelas quais vem passando a cafeicultura está relacionada à produção de cafés diferenciados, que possam obter melhores preços,

principalmente, no mercado internacional. Nesse sentido, pode-se dizer que o sul de Minas Gerais tornou-se referência na produção de um tipo especial de café: o café orgânico. O café, como lembra Cerveira (2004), foi a primeira grande cultura a ser convertida para a produção orgânica.

A agricultura orgânica passou a ser discutida no Brasil por volta de 1970, como parte de um movimento com o objetivo de repensar o modelo convencional de produção agrícola. Juntamente com a agricultura orgânica, outras propostas, como a agroecologia, agricultura natural, agricultura biodinâmica, entre outros, passaram a compor uma categoria denominada agricultura alternativa. Se, no início, a agricultura orgânica foi defendida por poucos, com o tempo, passou a ser uma estratégia adotada por diferentes grupos.

Camargo Filho et al (2004), afirmam que, analisando o número crescente de produtores orgânicos no Brasil, podem-se identificar, basicamente, dois grupos: pequenos produtores familiares ligados a associações e grupos de movimentos sociais, que representam 90% do total de agricultores, sendo responsáveis por cerca de 70% da produção orgânica brasileira; e grandes produtores empresariais (10%) ligados a empresas privadas. Ainda, segundo os autores, enquanto na região sul cresce o número de pequenas propriedades familiares, que aderem ao sistema, no sudeste, a adesão é prioritariamente de grandes propriedades.

Muita expectativa existe em torno da produção orgânica como alternativa para a inserção de agricultores familiares nos mercados e sobre as possíveis contribuições desse processo para a organização desses agricultores e para a conservação ambiental.

Paralelamente, mudanças nos padrões de consumo, como o consumo verde, principalmente dos países ricos, levaram à criação de mercados diferenciados e estimularam mudanças no discurso e no comportamento social e ambiental dos produtores rurais, com diferentes perfis, em diversas partes do mundo. O consumo verde é definido por Martirani et al. (2006), como aquele que, além da variável qualidade/preço, inclui, em seu 'poder' de escolha, a variável ambiental.

A demanda crescente e o perfil de consumo de produtos orgânicos indicavam a criação de um nicho de mercado voltado para a agricultura orgânica, um espaço, no qual a agricultura familiar teria maiores possibilidades de inserção. No entanto, estudos como o de Camargo Filho et al (2004) apontam para o crescente interesse de agricultores de maior porte pela agricultura orgânica, situação também identificada na cafeicultura sul mineira. Não se trata de destacar meramente uma polaridade, mas de compreender a dinâmica das relações sociais no interior da cafeicultura orgânica no sul de Minas Gerais, considerando que nesse cenário

há atores muito diversos. Abreu et al (2012), lembra que é preciso levar em conta as heterogeneidades das formas produtivas orgânicas, suas lógicas de funcionamento, bem como as condições para produzir e os desafios colocados para os produtores orgânicos familiares. No entanto, seria ingenuidade partir de uma visão harmônica, homogênea das relações sociais nesse contexto. Por isso mesmo, o debate sobre as aproximações, conflitos e poder nesse espaço social torna-se importante.

ATORES, ELITES E REFERÊNCIAS: A OPÇÃO PELA TEORIA DO CAMPO DE PODER

A cafeicultura é uma atividade que atualmente está fortemente vinculada à agricultura familiar em pequenas áreas de produção. Isso é o que se observa, principalmente, na região sul de Minas Gerais. Mas, convivem nesse mesmo espaço social produtores de maior porte, de famílias tradicionais, que construíram suas identidades e suas posições sociais a partir da produção de café. Tais grupos, claramente distintos, conviviam historicamente em movimentos ora de afastamento, ora de aproximação.

As estratégias de reprodução dessas diferentes categorias de produtores estavam fortemente vinculadas por processos como arrendamento de áreas de produção; venda esporádica ou permanente da força de trabalho; canais de comercialização da produção de café; conflitos trabalhistas ou em torno das alianças e embates políticos. Viviam entre a familiaridade e o estranhamento. E, embora estivessem atuando no mesmo mercado, não competiam, pois o acesso a diferentes tipos de recursos definiam estratégias que poderiam ser até mesmo complementares. No entanto, não se pode dizer que se tratava de uma situação cômoda ou favorável, especialmente para os agricultores familiares da região, que encontraram na agricultura orgânica uma perspectiva de produção, de vida e de mercado mais condizente com seus recursos e necessidades.

Para entrar nesse mercado, no entanto, era preciso construir uma estrutura de apoio que minimizasse as deficiências de recursos. Constituíram, então, uma cooperativa, formada por agricultores familiares, apoiados por organizações não governamentais e grupos da igreja Católica. Esse processo foi importante inclusive para que os agricultores familiares adquirissem conhecimento e técnica necessários para converter suas lavouras de café em café orgânico. Com o tempo tornaram-se referência na região. Parecia um processo natural, mercados diferenciados para produtores que não conseguiam competir nos mercados convencionais de *commodities*. Mas, aos poucos, produtores de maior porte da região

passaram a converter suas propriedades ou parte delas para a produção de café orgânico. Esses produtores não precisaram se organizar e tinham acesso mais fácil a questões técnicas e recursos que facilitavam o processo. Envolvidos no mesmo mercado, esses produtores com características distintas se aproximaram.

Ambos os grupos – a Cooperativa e os produtores de maior porte - desenvolveram tecnologia, *know how*, difundiram sua experiência em diferentes instâncias, estabeleceram contatos com outros atores da cadeia em diversos locais do mundo. Tornaram-se, ambos, com todas as suas diferenças, referência no âmbito da cafeicultura orgânica. Mas, atores tão diferentes não se constroem como referências no cenário da cafeicultura orgânica sul mineira de forma similar. Trata-se de trajetórias distintas que se tocam em vários momentos.

A utilização da expressão referência, neste texto, é resultado de uma construção que parte da pesquisa de campo¹ e substitui, apropriadamente, a expressão elite que, inicialmente, balizava este trabalho. A necessidade de compreender o comportamento dos grupos de elite (Diniz e Boschi, 2004), ou de referência, que fazia parte do processo de pesquisa, mostrou a existência de grupos sociais com características muito diferentes, sendo identificados pelo mesmo título. Não se trata, portanto de uma construção artificial, mas a identificação clara da forma como são reconhecidos os atores e processos sociais no campo da pesquisa. Considera-se como parte do desenho da pesquisa a utilização do termo referência que reflete

(...) poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, tão logo se impõem ao conjunto de um grupo, estabelecem o sentido e o consenso sobre o sentido, em particular sobre a identidade e a unidade do grupo, que está na raiz da realidade da unidade e da identidade do grupo (BOURDIEU, 1996, p. 108).

Assim como a denominação, processo de reconhecimento construído socialmente, tais grupos desenvolveram relações sociais que revelam a complexidade das trajetórias e estratégias os tornaram referências. Costa e Gouvêa (2007) mencionam a importância de se buscar outros recortes que não mascarem a dinâmica presente entre os atores sociais. Nesse sentido, faz-se necessário compreender o contexto sócio-histórico em que as relações sociais se constroem e no qual são constituídos os grupos que passam a ser considerados como elites (ou referências, no caso desse trabalho) e que envolvem aportes e acessos a capital, tradição, tecnologia e informação.

¹O termo elite, usado na realização do pré-teste, em questionários para coletar informações, não foi bem aceito ou compreendido pelos entrevistados. A expressão referência surgiu como uma forma de tradução usada pelos entrevistados para o termo elite, no contexto dessa pesquisa.

Foi assim que houve uma aproximação com as idéias de Pierre Bourdieu, cujas obras, segundo Seidl (2007), vão procurar diminuir a importância atribuída à questão de quem tem o poder, ou quem manda e dar visibilidade ao campo de poder que envolve diversos atores e propriedades específicas que podem passar por processos de aproximação e oposição, nos quais se buscam definições das relações de dominação. Mais do que uma definição das elites, esse tipo de perspectiva busca definir a estrutura das relações de poder e de dominação.

A partir da elaboração de esquemas analíticos como o das estruturas de capital e suas relações com os campos sociais, o que está em pauta deixa de ser as “elites” e passa a ser as estruturas de dominação. Tais estruturas de dominação são ocupadas por determinadas categorias sociais, designadas ou não como “elites” (SEIDL, 2007, p. 4).

Bourdieu (2000) defende a existência do poder simbólico, mediante o qual, grupos dominantes são beneficiários de um capital simbólico, disseminado e reproduzido por instituições e práticas sociais, que lhes possibilitam exercerem o poder. Para o autor, esses capitais simbólicos são instrumentos por excelência da integração social e tornam possível se obter o consenso acerca do sentido do mundo social, o qual contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social dominante.

Bourdieu (2004, p. 29) lembra que

qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade. A diferença maior entre um campo e um jogo (...) é que o campo é um jogo no qual as regras do jogo estão elas próprias postas em jogo. (...) Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições.

A dinâmica do campo ajuda a compreender como as relações entre diferentes atores, com condições e disposições diferenciadas, podem estar vinculadas, permitindo estruturar e reestruturar o campo com base em relações que misturam elementos de cordialidade, conflito e definem acordos que, por sua vez, caracterizam o próprio campo e suas identidades e posições dentro dele. Para Bourdieu (2000), os diferentes grupos e subgrupos estão envolvidos numa luta simbólica para imporem a definição do mundo social em conformidade com seus interesses, formando um campo das posições sociais. Nesse sentido, Bourdieu (2000, p. 118), afirma que:

aprender ao mesmo tempo, o que é instituído, sem esquecer que se trata somente da resultante, num dado momento, da luta para fazer existir ou ‘inexistir’ o que existe, e as representações, enunciados performativos que pretendem que aconteça aquilo que enunciam, restituir ao mesmo tempo as estruturas objetivas e a relação com estas

estruturas, a começar pela pretensão a transformá-las, é munir-se de um meio de explicar mais completamente a ‘realidade’, logo, de compreender e de prever mais exatamente as potencialidades que ela encerra ou, mais precisamente, as possibilidades que ela oferece às diferentes pretensões subjetivistas.

Bourdieu (2000), também afirma que as produções simbólicas, por sua vez, funcionam como instrumentos de dominação, porque contribuem para a integração real dos grupos dominantes, distinguindo-os dos outros grupos e desmobilizando os grupos dominados.

Assim, à medida que os atores enunciam a cafeicultura orgânica, fazendo-a existir socialmente, eles também se reconstróem como atores fundamentais do campo, ou seja, passam a ser também percebidos e reconhecidos de forma específica e distinta, tornam-se referência. Ou seja, “*o mundo social é também representação e vontade, e existir socialmente é também ser percebido como distinto*” (BOURDIEU, 2000, p. 118).

Mas a forma como são construídas essas representações reflete o exercício do poder de diferentes atores e grupos sociais.

O ato de magia social de tentar dar existência à coisa nomeada [que] será bem sucedido quando aquele que o efetua for capaz de fazer reconhecer por sua palavra o poder que tal palavra garante por uma usurpação provisória ou definitiva, qual seja o poder de impor uma nova visão e uma nova divisão do mundo-social: regere fines, regere sacra, consagrar um novo limite (BOURDIEU, 1996, p. 111).

O poder simbólico consiste, então, “...[n]esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que *lhe* estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2000, p.7-8). As formas de construção e consolidação das categorias que emolduram o campo da cafeicultura orgânica e seus atores no sul de Minas Gerais, ou melhor, os processos que caracterizam a constituição e reconhecimento desses atores como referências no campo específico serão discutidos nos resultados desse trabalho. Os detalhes da realização da pesquisa são apresentados no próximo item.

METODOLOGIA

A pesquisa que originou este trabalho, de natureza qualitativa, baseou-se em pesquisa documental e na realização de entrevistas com atores-chave que compõem ou atuam no campo da cafeicultura e, mais especificamente, no campo da cafeicultura orgânica do sul de Minas Gerais.

Os informantes-chaves foram selecionados por meio de amostragem não-probabilística por julgamento, tendo como característica comum o desempenho de atividades ligadas ao mercado de café orgânico, dentre os quais estão técnicos de assistência técnica e extensão rural, pesquisadores, produtores, trabalhadores rurais, fornecedores de insumos orgânicos, representante de uma certificadora de café orgânico, representantes do sindicato patronal, do sindicato de trabalhadores rurais da região, de uma cooperativa de comercialização de café orgânico e de uma organização de assessoria a agricultores familiares, totalizando 18 entrevistas semi estruturadas.

Na primeira etapa da pesquisa, realizada nos meses de fevereiro e março de 2008, foram contatados técnicos e pesquisadores ligados à cafeicultura orgânica que, além de seu depoimento, foram instigados a identificar quem eram os produtores que compunham a “elite da cafeicultura orgânica sul mineira”. Essa informação, posteriormente confirmada com outros entrevistados e também por meio de dados obtidos de publicações técnicas e científicas sobre cafeicultura orgânica, nas quais se repetiam os mesmo nomes, levaram à identificação dos cafeicultores orgânicos, definidos por seus pares como referência na atividade, na região.

Entre os meses de junho a agosto de 2008, na segunda etapa da pesquisa, esses produtores foram entrevistados, com base em roteiros semi-estruturados, permitindo a realização de algumas análises. As análises foram feitas pela técnica de análise de conteúdo que, segundo Bardin (1979) e Minayo (2000) parte da distribuição do conteúdo dos dados coletados entre os temas relacionados aos objetivos da pesquisa e os temas que emergiram com base nos dados obtidos (grade mista). Priorizando o sigilo das informações e buscando resguardar os entrevistados nesse trabalho, os produtores e técnicos serão identificados por letras (ex. Produtor A, Técnico B, Pesquisador C, etc.) e a organização de produtores que desempenha importante papel nas análises será tratada como cooperativa.

A seguir, serão apresentados os resultados dessas análises.

CONSTRUINDO RELAÇÕES, MAPEANDO O CAMPO DA CAFEICULTURA ORGÂNICA NO SUL DE MINAS GERAIS

Colocar em prática uma pesquisa sobre as relações sociais e de poder no campo da cafeicultura orgânica sul mineira implicava vários desafios, a começar pela identificação de quem seriam os produtores considerados como parte de uma elite e por que.

Os nomes de produtores orgânicos, indicados por técnicos e pesquisadores como referências na atividade, apontaram, primeiramente, para uma cooperativa de agricultores

familiares e, depois, para quatro produtores de café já consolidados e um produtor que estava iniciando na atividade; todos de porte médio e grande. Observa-se que o pequeno grupo de atores-referência na cafeicultura orgânica sul mineira tem perfil bastante distinto. Destaca-se, sobretudo a COOPERATIVA colocada pelos entrevistados no mesmo patamar de produtores de maior porte. Contudo, considerando a estrutura fundiária da região (na qual se destacam áreas de produção de até 100 ha) e o perfil da produção orgânica no país (que tem em torno de 90% dos produtores na categoria de pequenos agricultores familiares), seria de se esperar o reconhecimento e destaque de produtores familiares de menor porte. O processo de organização dos agricultores familiares revela-se como fundamental, para que eles consigam alcançar o mesmo patamar de referência que os demais produtores elencados nas entrevistas. É por meio desse processo que eles se tornam distintos e passam a ser reconhecidos dentro do campo (Bourdieu, 2000). Alguns recortes de relatos da primeira etapa da pesquisa ilustram os resultados verificados.

Entre os pequenos, olha gente, o pessoal da COOPERATIVA que é a nossa referência, eles trabalham com isso há mais de 20 anos, né? (Pesquisador B).

Existe, por exemplo, você tem desde organizações de agricultores familiares; um exemplo muito claro é a COOPERATIVA, famosa, 'vira e mexe' a televisão tá indo lá, eles estão fazendo agora uma cooperativa pra vender a pequena produção. (Pesquisador D).

As falas anteriores ressaltam aspectos importantes do reconhecimento da COOPERATIVA (e não dos seus membros individualmente) como referências no campo da cafeicultura orgânica, dentre eles, a tradição e a experiência acumulada e o reconhecimento por atores externos, mas precisamente pelos meios de comunicação que divulgam, para além das fronteiras da região, o trabalho dessa organização. Esses fatores, por sua vez, estão diretamente relacionados. A importância das organizações cooperativas no mercado orgânico já havia sido identificada por Camargo Filho et al (2004), cuja pesquisa aponta que pequenos produtores familiares ligados a associações, responsáveis por cerca de 70% da produção orgânica brasileira.

Apesar das diferenças entre os atores identificados como referências no campo da cafeicultura orgânica sul mineira, podem ser encontrados pontos comuns entre eles, características que contribuíram para que se tornassem referências, tais como: a) o pioneirismo; b) o reconhecimento regional, nacional e internacional; c) certa estabilidade na cafeicultura orgânica ao longo das últimas duas décadas; d) capacidade de exercer influência política; e) capacidade de mobilização de recursos, principalmente técnicos e mercadológicos;

e f) construção de parcerias com outras categorias de produtores e com atores sociais do campo científico.

Mas é importante que tais características sejam analisadas em conjunto e não isoladamente. Por exemplo, para se tornar referência no campo da cafeicultura orgânica não bastava que o produtor tivesse uma grande propriedade ou disponibilidade de recursos financeiros ou influência política. É combinação dinâmica desses e de outros fatores que produtores e a COOPERATIVA vão se tornando referências e construindo o seu campo de atuação simultaneamente.

Esse processo de legitimação no campo da cafeicultura orgânica é marcado pela dinâmica de tipos diversos de capitais que passam a ser mais valorizados permitindo que atores antes marginalizados passem a exercer poder, não apenas conhecendo as regras do jogo, como reiterando e até modificando tais regras. Observa-se que nas últimas décadas as críticas à Revolução Verde levou ao fortalecimento de formas de agricultura diferenciadas, valorizando conhecimentos, métodos e técnicas antes desacreditados. Com isso, abre-se espaço para que o conhecimento do uso desses recursos para produção orgânica torne-se capital importante no exercício de poder. Bourdieu (2000) define o poder simbólico como um poder (econômico, político, cultural ou outro) que está em condições de se fazer reconhecer, de obter o reconhecimento. A eficácia própria desse poder é exercida não no plano da força física, mas no plano do sentido e do conhecimento, que perpassam todos os espaços e relações sociais.

A dinâmica entre estrutura e indivíduo se manifesta na construção desse campo em que mudanças sociais geram oportunidades individuais e os capitais acumulados e iniciativas particulares vão contribuir para a construção do campo específico da cafeicultura orgânica no sul de Minas Gerais. Mas, embora agricultores familiares (por meio da COOPERATIVA) e produtores de maior porte tenham, em conjunto, contribuído para a construção desse campo, isso não significa que tais atores tenham a mesma posição e poder. A cafeicultura orgânica foi a grande oportunidade para os agricultores familiares da COOPERATIVA, oportunidade que levou a organização a ser uma referência. Para os produtores de maior porte, que já tinham boa inserção e destaque no mercado de café convencional, a cafeicultura orgânica era apenas mais uma oportunidade que poderia ser combinada com outras estratégias de produção e mercado. Portanto, há uma diferenciação dentro do próprio grupo considerado como referência. Para compreender as diferenças é importante discutir as trajetórias desses atores.

DIFERENTES TRAJETÓRIAS E IMPROVÁVEIS ALIANÇAS

Este tópico busca reconstruir as trajetórias dos atores reconhecidos como referências no campo da cafeicultura orgânica no sul de Minas Gerais e, conseqüentemente, do próprio campo.

Na época da pesquisa, todos os produtores entrevistados, inclusive aqueles pertencentes à COOPERATIVA, haviam se envolvido com a conversão das lavouras convencionais para lavouras orgânicas há cerca de 10 anos. Todos se reconheceram (e eram reconhecidos por seus pares e também no meio científico acadêmico) como pioneiros na atividade - aspecto que lhes conferia maior respeito por seus pares.

Dentre as principais motivações relacionadas pelos produtores para adesão à cafeicultura orgânica estão a busca de diferenciais no mercado de café – sujeito a várias crises - e a simpatia ou preocupação com a questão ambiental. Observa-se a junção de estímulos externos e também motivações particulares, frutos da socialização e experiências acumuladas por esses produtores.

Dos cinco produtores individuais entrevistados, todos vinham de famílias tradicionais na cafeicultura na região, o que se converte, segundo a história regional, em capital simbólico econômico, político e social (BOURDIEU, 2000), legitimado no campo da cafeicultura do sul de Minas. Os meios de comunicação e outros pesquisadores que desenvolveram trabalhos sobre o tema da cafeicultura orgânica também destacavam o aspecto histórico e familiar envolvido na atividade cafeeira na região. *“Então, os 140 anos de cultura cafeeira que alcançou cinco gerações na família tomavam outro rumo”* (REVISTA GLOBO RURAL, 2004, p. 1).

A mudança de rumo a que se refere à reportagem é a conversão orgânica de parte das lavouras de fazendas tradicionais de café. Segundo as entrevistas, essa mudança foi avaliada no início por familiares e amigos como “uma bobagem”. Mas essa avaliação não impediu que os pioneiros investissem na atividade, usando os recursos, conhecimentos e contatos construídos na cafeicultura convencional para impulsionar a atividade orgânica. Nesses casos, a tradição se alia à mudança, construindo uma trajetória de sucesso que se mantém de forma dinâmica ao longo do tempo. A cafeicultura orgânica compõe a estratégia de produção desses produtores, não excluindo mesmo a produção de café convencional. Certamente, tudo isso contribuiu para que tais atores fossem considerados como referências no campo da cafeicultura e cafeicultura orgânica, pois, de acordo com Bourdieu (2004), aqueles que já

nasceram num campo específico são agraciados com o domínio das leis imanentes desse campo. São leis não escritas que, porém, estão inscritas na realidade, são o sentido do jogo.

Já os agricultores familiares que praticam a cafeicultura orgânica na região não têm destaque e reconhecimento na atividade, embora desempenhem papel fundamental na construção e legitimação da COOPERATIVA, pessoa jurídica que recebe no campo em questão o título de referência. Por meio dessa organização produtores que não conseguiram resultados positivos em sua atuação no mercado de café convencional têm a possibilidade concreta de influenciar o mercado de café orgânico.

Os agricultores familiares da COOPERATIVA conseguiram mudar as regras do jogo, ou melhor, se inserir no jogo como jogadores principais, ao obterem capital simbólico suficiente para inverterem suas posições no campo (BOURDIEU, 2004). Para os membros da COOPERATIVA, ser referência significa uma conquista que permite acesso a recursos, bens, espaços sociais que não haviam até então experimentado.

Isso faz parte do processo de se tornar um ator legitimado no campo social: à medida que esse ator se torna conhecido e reconhecido no campo, ele intensifica a sua participação nesse mundo social ao ser cada vez mais percebido como distinto e aumenta as suas possibilidades de exercício de poder (BOURDIEU, 2000).

Isso se tornou possível, em grande parte, pelos vínculos que os agricultores familiares construíram com movimentos sociais, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e Organizações não governamentais, organizações de pesquisa que, conjuntamente, construíram acesso aos recursos necessários para a mudança na posição tradicionalmente ocupada por esses atores.

Segundo Bebbington (1999), quando as pessoas tentam acessar recursos no meio rural, elas o fazem engajando-se em relações com outros atores que podem estar presentes, mas, muitas vezes, estão ausentes das atividades de seu dia a dia. Assim, o acesso a outros atores relevantes no campo é conceitualmente anterior ao acesso aos recursos materiais na determinação das estratégias de ação. Tais relações tornam-se quase mecanismos *sine qua non*, por meio dos quais os recursos são reclamados e distribuídos, e as lógicas sociais, políticas e de mercado mais amplas que governam o uso, a transformação e o controle dos recursos são reproduzidas ou alteradas.

Os cafeicultores de maior porte entrevistados relataram que houve a tentativa de criar também uma associação que desse maior suporte às suas atividades, mas que não funcionou como esperavam. Dentre as justificativas, o que uma associação poderia oferecer para o grupo como suporte técnico e operacional não era vantagem, já que esses produtores tinham recursos disponíveis para isso. Por outro lado, informações e contatos importantes sobre

comercialização eram assuntos tratados por esses produtores apenas na esfera familiar e não seriam compartilhados numa associação na qual havia relações de desconfiança e concorrência.

...a gente ia em algumas reuniões... E tudo, eu acho que o que pegava na época eram duas coisas eu acho. Era... você tinha uma associação que a idéia era estar trocando [conhecimento, experiência] , mas se ela fosse voltada pro comércio desde o início entendeu?! Criar um canal de comercialização, ela teria sido um sucesso. Mas era mais divulgar, ninguém ali conseguia vender o próprio café, nem o dos outros né?! E aí, tinha essa coisa um pouco da concorrência né, se existe pouco canal de comercialização, vai vender o seu e não vai vender o meu, como que isso vai funcionar, tal... Então acho que a associação, ela... se ela fosse voltada desde o início pra abrir, profissionalizada e pra abrir canais de comercialização ela teria tido bastante sucesso (Produtora D).

A análise das diferenças internas do grupo, reconhecido como referência na cafeicultura orgânica sul mineira, poderia criar a expectativa de conflitos explícitos entre eles, já que além de trajetórias e interesses distintos, estariam competindo por espaço no mercado de café orgânico. Mas o que a pesquisa revela é que as diferenças são minimizadas em função da construção de alianças que visam, sobretudo, a comercialização do café orgânico (aspecto crítico do processo), ou melhor, o atendimento das demandas desse mercado, relativas a volume e qualidade, por exemplo.

Compartilhando de conhecimentos, habilidades, poder e influência reconhecidos na cafeicultura orgânica, a COOPERATIVA se aproxima de cafeicultores de maior porte que estão no mesmo mercado.

Só o selo de orgânico para essas duas propriedades, e como a procura estava muito grande, e na questão do *fair trade* orgânico, nós entramos com essas duas propriedades na COOPERATIVA. Então 'deixamos de ser grandes produtores' e o que ficou nós conseguimos entrar na COOPERATIVA. Porque a COOPERATIVA ela pode, até 30% da produção total dela, pode ser de produtores que não se adéqüem totalmente ao sistema, né? (Produtor B)

O relato acima esclarece uma estratégia de comercialização utilizada por muitos dos cafeicultores orgânicos entrevistados: comercializar seu produto por meio da cooperativa, reduzindo custos e facilitando a entrada no mercado, um dos principais desafios ainda nesse mercado, segundo apontaram outras entrevistas.

São relações inusitadas entre grupos, que poderiam estar competindo entre si, mas que se aproximam para desenvolver uma estratégia que atenda aos requisitos de qualidade e volume demandados pelo mercado internacional (principal destino da produção de café orgânico brasileiro). Ou seja, a análise de fatores externos ao local, mas contundentes por definirem mercados estimulam o estabelecimento de parcerias como esta.

Elias (2001) lembra que mudanças na balança de poder, entre diferentes atores e grupos, implicam um aumento da margem de manobra de um determinado indivíduo ou de um determinado grupo de indivíduos e, de outro lado, a diminuição da margem de manobra de outros indivíduos, a diminuição de sua “liberdade”. As mudanças na distribuição de poder provocam também mudanças na teia de relações humanas e vice-versa.

As mudanças nas relações de poder são fundamentais para a construção do próprio campo. A noção que paira sobre a agricultura orgânica é a de que se trata de um mercado com grande potencial para a agricultura familiar. Esse é um capital simbólico importante que abre espaço para a agricultura familiar, desde que esse grupo demonstre eficiência e eficácia no atendimento a requisitos de mercado, que ainda estão fora do seu controle e nas mãos de compradores. Encaixando-se nesse perfil, a COOPERATIVA que enfrentou muitas dificuldades para chegar nesse patamar e ser reconhecida como referência, passa a ser um parceiro importante dos produtores de maior porte. São grupos diferentes em posição semelhante, em relação ao mercado de café orgânico. O espaço social em que esses laços construídos são legítimos é bem estreito. Fora desse espaço, ainda prevalecem diferenças e desigualdades difíceis de superar, colocando os agricultores familiares e produtores de maior porte em posições distintas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que originou esse trabalho era, como produtores rurais se tornaram referências no campo da cafeicultura orgânica no sul de Minas Gerais? A pesquisa de campo permitiu identificar que nesse pequeno grupo há produtores de médio e grande porte, vindos de tradicionais e também reconhecidas famílias de cafeicultores, quanto agricultores familiares, que vão conquistar o reconhecimento nesse meio, a partir da constituição de uma cooperativa. A COOPERATIVA foi fundamental para que os agricultores familiares conquistassem posições favoráveis no campo da cafeicultura orgânica, significando um capital importante na interlocução com produtores de maior porte e detentores de outros recursos, que também aderiram a esse mercado.

A opção desses atores pela agricultura orgânica envolveu tanto influências sociais e de mercado, quanto valores e história pessoal. Para obter resultados positivos nesse mercado, o acesso a recursos, tais como conhecimento, técnicas, financiamento, contatos no mercado, são fundamentais e muito disputados.

Aqueles que alcançaram o título de referência no mercado de café orgânico construíram, de forma diferenciada, o acesso a esses recursos. No caso dos produtores de maior porte, que já eram reconhecidos antes da conversão para a cafeicultura orgânica, os recursos estavam em grande parte disponíveis. Para a COOPERATIVA, foi fundamental o apoio de movimentos de base, ONGs e instituições de pesquisa que compensaram a carência inicial de recursos.

Assim, com a COOPERATIVA, no mesmo patamar de produtores de maior porte, ambos no mesmo mercado, surgem alianças entre esses grupos. Destaca-se que isso não implica a ocorrência de mudanças nas relações sociais entre agricultores familiares e fazendeiros de forma geral. São atores com perfil e trajetórias distintas, que conquistaram o título de referência por caminhos diversos e que são capazes de estabelecer parcerias como uma forma de sobrevivência no mercado.

Por fim, a pesquisa revela a complexidade da interpretação dos processos sociais no campo e a necessidade de compreender mais profundamente as relações que se estabelecem em espaços sociais supostamente homogêneos, que podem revelar conflitos e dinâmicas diversas.

REFERÊNCIAS

ABREU, L. S.; BELLON, S.; BRANDENBURG, A.; OLLIVIER, G.; LAMINE, C.; DAROLT, M. R.; AVENTURIER, P. Relações entre agricultura orgânica e agroecologia: desafios atuais em torno dos princípios da agroecologia. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. 2012, v. 26, p. 143-160, jul./dez. 2012. Editora UFPR.

AGUIAR, M. M. **Modernidade, modernização e identidade nas tradicionais organizações produtoras de café do sul de Minas Gerais**. 1997. 165f. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) – Universidade Federal de Lavras, Lavras.

ALMEIDA, J. **A construção social de uma nova agricultura: tecnologia agrícola e movimentos sociais no sul do Brasil**. Porto Alegre: Ed.Universidade/ UFRGS, 1999.

ALVES, H. S. Algumas considerações sobre a construção da cadeia de produtos orgânicos. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 39, n. 2, fev. 2004. p. 55-94.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BEBBINGTON, A. **Capitals and capabilities**. A framework for analysing peasant viability, rural livelihoods and poverty in the Andes. London: IIED/DFID, 1999.

BOURDIEU, P. A força da representação. In.: BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 107-116.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

CARMARGO FILHO, W.P. de; CAMARGO, F. P. de; CAMARGO, A. M. M. P. de; ALVES, H. S. Algumas considerações sobre a construção da cadeia de produtos orgânicos. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 39, n. 2, fev. 2004. p. 55-94.

CERVEIRA, R. Orgânico: café qualitativo que veio para ficar. **Coffeebreak**. Disponível em: <http://coffeebreak.com.br/ocafezal.asp?SE=9&ID=461>. 2004. Acesso em: 07 de jul. 2009.

COSTA, L. D.; GOUVÊA, J. C. **Elites e historiografia: questões teóricas e metodológicas**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782007000100017&script=sci_arttext&tlng=pt. Junho/2007. Acesso em: 20 de mar. 2009.

DINIZ, E.; BOSCHI, R. **Empresários, interesses e mercado: dilemas do desenvolvimento no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

ELIAS, N. **A sociedade da corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

MARTIRANI, L. A.; ANDRADE, T. O. de; VELASCO, J. Del Nero; LIMA, S. T. S. Sociedade de Consumo e Ambiente: Valores Sociais, Necessidades Psicológicas e Nova Educação. III Encontro da **ANPPAS**, maio de 2006, Brasília, 16p.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7.ed. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 2000. 269p.

REVISTA GLOBO RURAL. A história do produtor orgânico Caixeta. n. 223, maio de 2004. Disponível em: <http://revistagloborural.globo.com/GloboRural/0,6993,EEC724909-1484,00.html>. Acesso em: 23 set. 2009.

SEIDL, E. Teoria das Elites ou Sociologia do Poder? **Reflexões analíticas e metodológicas**. In: III Seminário de Ciência Política. UFPE, 2007, Recife. 2007. Disponível em: <http://www.seminario.t5.com.br>. Acesso em 07 jul. 2008.